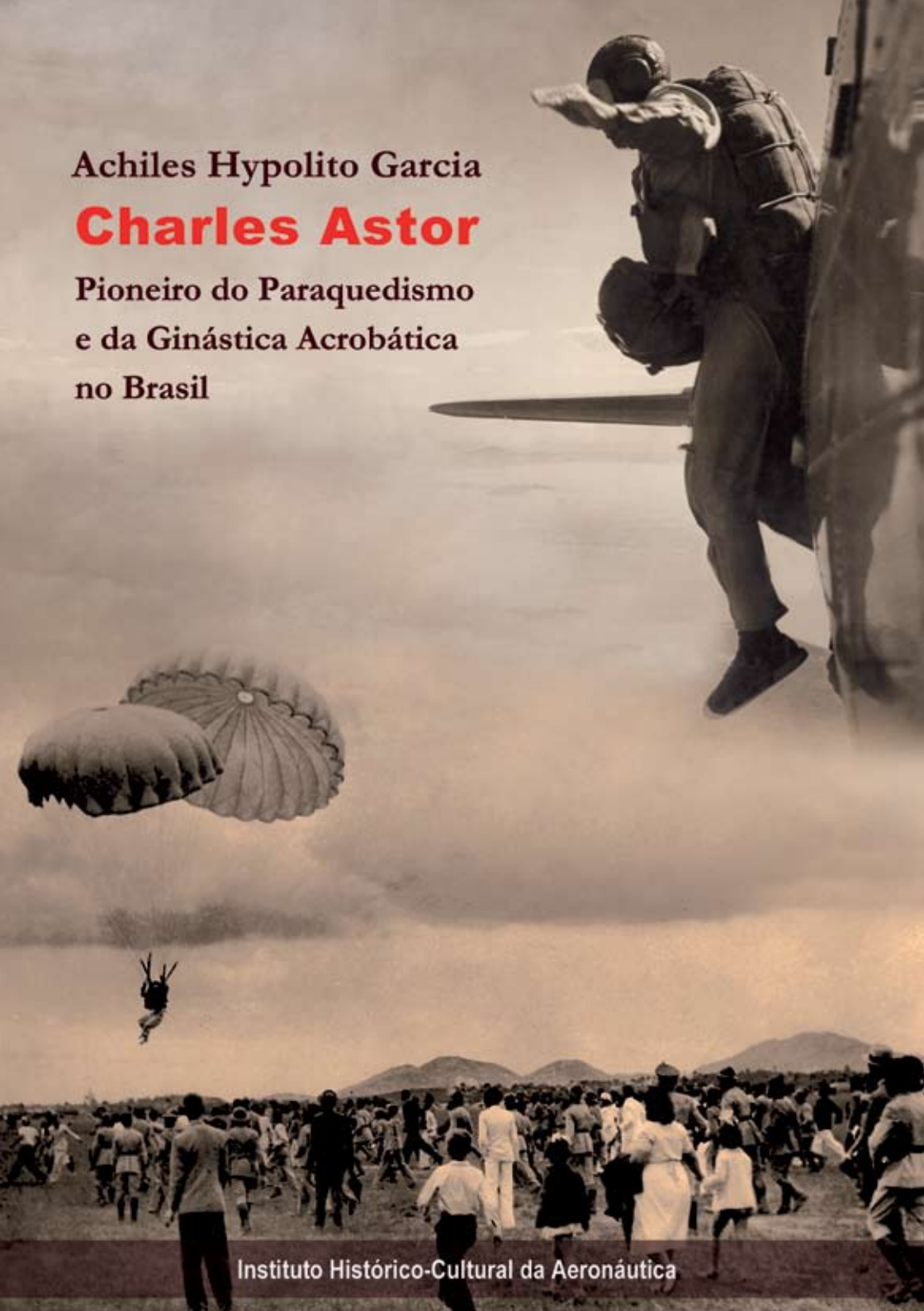
Achiles Hypolito Garcia

Charles Astor

Pioneiro do Paraquedismo e da Ginástica Acrobática no Brasil



Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica

Achiles Hypolito Garcia

CHARLES ASTOR
Pioneiro do Paraquedismo e da Ginástica Acrobática no Brasil

INSTITUTO HISTÓRICO-CULTURAL DA AERONÁUTICA

Rio de Janeiro

2015

FICHA TÉCNICA

Achiles Hypolito Garcia

CHARLES ASTOR

Pioneiro do Paraquedismo e da Ginástica Acrobática no Brasil

Edição
Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica

Editor Responsável
Maj Brig Ar R/1 José Roberto Scheer

Organizadora
2º Ten QOCon His Bruna Melo dos Santos

Colaboradores
1º Ten QCOA His Tiago Starling de Mendonça
Historiador Mauro Vicente Sales

Projeto Gráfico e Capa
Seção de Tecnologia da Informação

Impressão
INGRAFOTO

Rio de Janeiro
2015

Apresentação

O reconhecimento é uma demonstração de gratidão, por mérito de algo que foi feito ou apenas tentado ser feito, por alguém ou por alguma organização, em prol de ações que venham a trazer benefícios a serem usufruídos.

Neste presente caso, o preito de agradecimento a um destemido idealista, inquieto e perseverante amante da aventura e da vida e, fundamentalmente, humilde, comprometido e dedicado instrutor, reveste-se do prazer de perenizar a memória de quem fez acontecer e tanto contribuiu para a história da Força Aérea Brasileira e, até mesmo, em abrir horizontes do emprego militar universal.

Escritor, artista de circo, paraquedista, professor, esportista, atleta de cama elástica e guerreiro da Legião Estrangeira, o argelino Achiles Hypolito Garcia, o nosso Charles Astor, brasileiro naturalizado e de coração, é homenageado neste trabalho, que retrata um resumo de sua agitada, diversificada e profícua vida, participando, dividindo experiências e ensinando aos mais jovens, mais do que ricas e preciosas lições, mas o domínio do desconhecido, a confiança em si próprio e a fé intransigente na capacidade de se fazer algo para o crescimento interior e da coletividade.

Homem de larga visão, que vislumbrava horizontes ilimitados, com inconformada aversão ao pessimismo e à mesmice, o "fantasma do ar", o "diabo do ar" ou mesmo o "águia", carinhosos apelidos que ganhou dos seus admiradores, ensinou tudo o que aprendeu, desenvolvendo nos jovens a auto-estima e a capacidade para transpor os obstáculos da vida, a fim de que, cada qual, pudesse melhor encontrar o seu caminho.

Carismático e contagiante na arte de transmitir ensinamentos, foi exemplo de abnegação e de determinação, e, mercê da crença em seus princípios, transformou em homens os jovens alunos e cadetes do ar.

Desde 17 de agosto de 1986, Charles Astor empresta o seu nome ao Ginásio de Esportes da Escola Preparatória de Cadetes do Ar (EPCAR), em Barbacena.

Acredito que, ao parafrasear o escritor e educador Rubem Alves, no seu livro "A Alegria de Ensinar", possa sintetizar o legado deixado por Charles Astor às gerações futuras:

"Ensinar é um exercício de imortalidade.

De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra.

O professor, assim, não morre jamais..."

Maj Brig Ar R/1 José Roberto Scheer
Subdiretor de Cultura do INCAER

Achiles Hypolito Garcia

Charles Astor

Pioneiro do Paraquedismo e da Ginástica Acrobática no Brasil

2º Ten QOCon His Bruna Melo dos Santos

Charles Astor

Achiles Hypolito Garcia, conhecido por Charles Astor, nasceu em 24 de agosto de 1900, em Castinglion, Argélia, na época, uma colônia francesa no norte africano. Filho de Salvador Garcia, renomado fotógrafo espanhol radicado na França, e de Helena Barthie Astor, falecida pouco tempo depois do nascimento do menino Charles, que foi desde então criado por uma tia-avó (CDA, 1974).

Charles Astor, brasileiro adotado por nossa Pátria, foi um homem de vários talentos. Em seu livro de contos chamado "Estórias Rudes" – uma espécie de memória de sua vida romanceada, contada em alguns casos na primeira pessoa – foi assim prefaciado pelo crítico literário e tradutor Paulo Ronái:

> "Charles Astor é o nome verdadeiro de um indivíduo proteiforme, para quem a literatura é apenas mais uma no rol de suas inúmeras atividades, todas exercidas com igual fervor. [...] Esse grande aventureiro que é, na vida de todos os dias, um homem puro, modesto e bom" (ASTOR, 1965).

Uma vida de aventureiro, que se aposentou como Chefe da Seção de Obras Raras da Livraria Civilização Brasileira, no Rio de Janeiro, é, no mínimo, desconcertante para aqueles que costumam criar dicotomias entre

o corpo e a mente. Entretanto, Charles Astor mostrou-se um grande professor de vários esportes, aos quais se dedicou a vida inteira, como a acrobacia, o paraquedismo, a cama elástica, o boxe, o *rugby*, *o jiu-jitsu* e o futebol, que costumava jogar com os amigos, no Campo dos Afonsos.

Foi desportista, romancista, infante da Legião Estrangeira, instrutor civil e militar de paraquedismo, atuando na Escola de Aeronáutica (Campo dos Afonsos) desde 1941, quando foi convidado pelo então Ministro Salgado Filho a instruir os cadetes. Na vida civil, formou centenas de paraquedistas e seu trabalho pioneiro certamente fez do paraquedismo também um esporte, além de uma técnica de salvamento.

O Esquadrão Aeroterrestre de Salvamento – EAS (PARA-SAR) – deve a Charles Astor parte importante de sua existência, pois este, por ocasião de um congresso da Federação Aeronáutica Internacional (FAI), realizado em Petrópolis - RJ em 1947, apresentou um plano de organização de paraquedistas para salvamento e resgate. A ideia mereceu menção honrosa e inspirou a criação dos Serviços de Salvamento ao redor do mundo.

Assim, se deu a inspiração da trajetória embrionária do PARA-SAR, iniciada em 1959, através da primeira turma de paraquedistas militares da Aeronáutica, formada pelos Ten Santos, Ten Guaranys, Ten Sérgio, Sgt Mello, Sgt Raimundo, Sgt Varlô, Sgt Assaeda e Sgt Rufino. Em 1963, criou-se a 1ª Esquadrilha Aeroterrestre de Salvamento, origem do atual PARA-SAR, formado por parte do efetivo da Base Aérea dos Afonsos e da Escola de Aeronáutica.[1]

O fantasma do ar, o diabo do ar, o águia ou simplesmente: Charles Astor

Em 1927, os "Deux Astors", dupla composta pelos acrobatas Charles Astor e Antonio Pisápia, fizeram inúmeras apresentações pela França, pelos Estados Unidos e pela América do Sul, onde se apresentaram por quatro meses no Cassino de Buenos Aires, e, depois, seguiram para o Brasil. Ao desembarcarem no Rio de Janeiro, a dupla recebeu uma proposta de se apresentar no Cine Central (na Cinelândia) por um mês, no qual fizeram enorme sucesso.

Logo em seguida, a dupla passou a se apresentar por diversos circos e cinemas nacionais. Charles foi também parceiro de acrobacias do palhaço Fuzarca, que fez sucesso na TV nos idos da década de sessenta, além do famoso palhaço Carequinha, que foi seu aluno de acrobacias (CDA, 1974).

Charles Astor fez inúmeras apresentações acrobáticas pelo Brasil, muitas delas com ampla cobertura pelos diversos jornais da época. O *Correio da Manhã*, jornal

[1] Ficha Anual de Fatos Históricos – Esquadrão Aeroterrestre de Salvamento.

que circulou na cidade do Rio de Janeiro, de 1901 a 1974, e o *Correio Paulistano*, primeiro diário paulista, que circulou de 1854 a 1963, trouxeram em suas páginas notícias sobre a sensação que Charles Astor e os companheiros de acrobacias causavam no grande público, que acompanhava tudo com muita curiosidade e entusiasmo.

Em agosto de 1929, os jornais noticiavam, como parte dos festejos do "Segundo Congresso Pan Americano de Estradas de Rodagem", a participação do acrobata Charles Astor e do ex-capitão Aviador da Força Aérea Real – RAF, S.H. Holland.

Este Congresso englobava "A Exposição Rodoviária Internacional", ocorrida onde hoje está localizado o Aeroporto Santos-Dumont. A programação previa levar ao conhecimento do público uma exibição de maquinário para construção e conservação de estradas de rodagem e os últimos progressos da arte rodoviária.

Mas, certamente, o ponto alto dos festejos estava por conta da dupla de acrobatas aéreos que realizaria três provas aviatórias bastantes arriscadas: o trapézio aéreo, a caça aos balões e o passeio pelas asas do avião. Nesse último número, após as acrobacias, Charles embarcava de volta no avião, vestia o paraquedas e saltava, sempre diante de milhares de espectadores. Ganhou diversos apelidos durante o período: "fantasma do ar", o "diabo do ar" e o "águia".

Em parceria com o Capitão Holland, bastante conhecido por ter sido um combatente da grande guerra, havia realizado outras apresentações, tal como consta na matéria de 18 de agosto de 1929 do *Correio Paulistano*: "Há tempos, no Jockey Club, pilotando o seu aparelho "Month" de 85 HP, ao lado do acrobata profissional Charles Astor, ele teve ocasião de exibir-se ao público do Rio de Janeiro, conquistando muitos aplausos".

Charles Astor executando acrobacia (CDA, 1974)

Juntos, faziam um número de loucos varridos, no qual Charles ficava pendurado pelas pernas, na roda do avião, e arrancava, com os dentes, uma bandeirola colocada na ponta de uma vara (*Visão*, 16 set 1960). Atividade classificada como de alto risco, para Charles não era nada de extraordinário:

> "Nada há de extraordinário numa parada de mãos sobre as asas de um avião em vôo, qualquer um pode fazer isso, basta conhecer uns tantos princípios elementares de Física, ter confiança no piloto e em si mesmo e no anjo da guarda. Um pouco de calma, segurança e boas condições de saúde complementam os requisitos favoráveis a esta manobra" (CDA, 1974).

Ao longo da vivência no Brasil, formou outras parcerias com as quais participava de diversas comemorações, tais como: em aniversários das cidades, batismo de avião, tarde de aviação e, mais especificamente, na "Semana da Asa". Onde houvesse exibições com aviões, era certa a presença de Charles Astor, sempre pronto para mais uma aventura. Costumava dizer que "saltar de páraquedas é tão fácil e seguro como saltar do bonde andando. É preciso apenas cuidado e treino" (*Visão*, 16 set 1960, p. 57).

Charles ressaltava que, para ter sucesso nos saltos com paraquedas, era necessário somente dedicação e muito treino. Assim, condenava o estereótipo de herói que comumente se associava aos paraquedistas:

> "[...] é preciso evitar-se o exagero de considerar o paraquedista um superhomem, um herói, tal como aconteceu com os nossos primeiros aviadores. O paraquedista deve ter aptidões especiais, mas que, no entanto, são normais em todos os homens e que, com o exercício e treinamento, se apuram e desenvolvem. É preciso fixar-se a mentalidade de que o paraquedismo é tão normal como voar, andar de ônibus, trem ou bicicleta" (*Esquadrilha*, 1942, n.2, p.23).

A larga experiência em saltos garantia-lhe excelentes resultados, mas também lhe dava a sabedoria para cancelar um salto, quando percebia condições climáticas pouco favoráveis, mesmo que decepcionasse uma multidão de curiosos que aguardavam ansiosamente pelas exibições.

Referente à "Semana da Asa" de 1944, consta no *Correio da Manhã* a seguinte notícia sobre a cerimônia realizada no Aeroporto Santos Dumont, solenidade em que ocorreria o salto coletivo do esquadrão paraquedista, composto pelos alunos da Escola de Aeronáutica, por civis e pelo instrutor Charles Astor:

> "A massa popular estava ansiosa por admirar os saltos. Toda gente tinha os olhos para o céu, acompanhando a marcha do avião, de cuja porta se desprenderam em dado momento, dois pára-quedistas especiais, para determinar a direção e velocidade do vento.

Charles Astor em acrobacia aérea (CDA, 1974)

Como este estivesse muito forte e com rajadas bruscas, o comandante dos pára-quedistas, instrutor Charles Astor, que com eles se achava no aparelho, achou prudente que a exibição não se efetuasse, considerando como declarou depois, que seria arriscado efetuar a prova com um vento capaz de arrojar o pára-quedista sobre o telhado dos edifícios próximos, ou de encontro ao próprio hangar do aeroporto [...] assim a exibição que estava sendo esperada com tanta curiosidade foi adiada" (*Correio da Manhã*, 26 out 1944).

Nos mais concorridos eventos que envolviam as atividades aeronáuticas, a perícia e a técnica de Charles Astor promoviam um show inusitado, seja fazendo acrobacias nas asas do avião ou saltando de paraquedas. Em 1932, por exemplo, na inauguração do Aeroclube do Paraná, a exibição foi um "passeio sobre as asas do avião em vôo, trapézio da morte e salto de pára-quedas" realizado pela "trinca de ases": Charles Astor "Diabo Branco", pelo piloto francês Albert Layer e pelo capitão Reinaldo Gonçalves (CDA, 1974).

Antes disso, porém, fez uma apresentação, no ano de 1931, na cidade de Belo Horizonte, em benefício ao monumento dos dezoito heróis do Forte de Copacabana, que seria erguido no Rio de Janeiro. Dessa vez, estabeleceu parceria com o aviador Tenente Perone, com quem fez arriscadas provas aéreas.

Como de costume, a população lotou o local das apresentações para ver Charles Astor executar, sobre as asas do avião *Alliança*, equipamento construído inteiramente em Belo Horizonte, os seguintes números: um passeio pelas asas do avião,

acrobacias, equilíbrios e diversos exercícios ginásticos no trapézio da morte.

O avião decolou com facilidade, voou cerca de 600 metros e quando tentava alcançar maior altura, para que Charles Astor iniciasse suas acrobacias, sofreu uma pane no motor, obrigando o piloto a fazer uma aterrissagem forçada. O aparelho foi de encontro a um muro, sofrendo grandes estragos. Apesar da gravidade do acidente, Charles e o piloto sofreram apenas pequenos ferimentos (*Correio da Manhã*, 13 jan 1931).

Em outro acidente, esse bem mais grave, ocorrido em 1938, não teve a mesma sorte. Notícia publicada pelo *Correio da Manhã,* em 10 de maio, dava conta do tamanho do estrago: "Uma trágica tarde de aviação em Campinas - gravemente feridos um piloto e seu companheiro".

O acidente ocorreu durante o evento "Tarde de Aviação", realizado pelo Aeroclube de Campinas, em benefício de duas instituições de caridade da cidade. O avião, pilotado pelo piloto civil Luiz Vieira de Mello, conduzia o acrobata Charles Astor para fazer as costumeiras exibições, quando, ao executar uma manobra, o equipamento perdeu a direção, bateu numa árvore e caiu em seguida sobre um prédio.

"O avião e o edifício sofreram grandes danos. Vieira de Mello e Charles Astor ficaram gravemente feridos. O primeiro sofreu fratura do terço inferior do perônio direito e o segundo fratura do perônio e do queixo, deslocamento do nariz, contusões nos lábios, na região frontal e no antebraço direito. Foram internados no Hospital da Beneficência Portuguesa" (*Correio da Manhã,* 10 mai 1938).

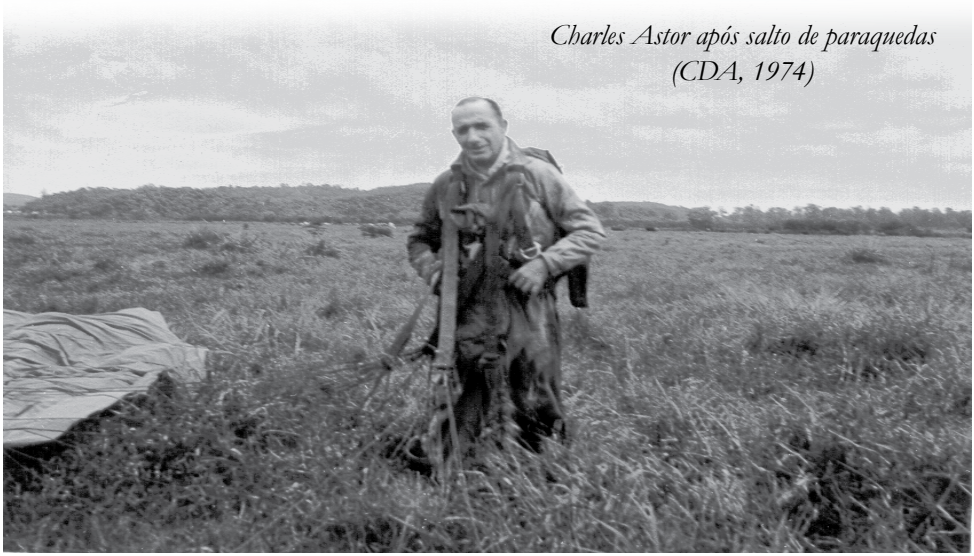
Charles Astor em manobra arriscada no Campo dos Afonsos (CDA, 1974)

Apesar da gravidade dos ferimentos, em pouco tempo Charles Astor estava novamente nos ares, executando números ainda mais arriscados. Na cerimônia de batismo do avião "Pandiá Calógeras", em Uberaba, acontecimento de grande repercussão que contou com a presença do Ministro da Aeronáutica Salgado Filho, Charles Astor saltou da altura aproximada de 500 metros, "retardando, porém, o funcionamento de seu pára-quedas, que só se abriu depois de uma queda de cerca de 100 metros", levando ao delírio a multidão que acompanhava o evento e, acometida pelo êxtase da apresentação, invadiu o campo impedindo o pouso dos aviões (*Correio da Manhã*, 27 mai 1941).

Ainda no ano de 1941, Charles empreendeu um fato inédito na América do Sul, ao realizar o primeiro salto coletivo com 13 alunos sobre o Campo dos Afonsos. Nessa mesma prova, Charles Astor deu um show à parte que levou o público a prender a respiração por alguns instantes, quando, aproximando-se do solo, manteve o paraquedas fechado.

A audiência que lotava o edifício do Cassino dos Oficiais – bem em frente ao local escolhido para o salto contava com uma vista privilegiada, apesar de nem todos estarem em lugar confortável, já que havia gente até mesmo no telhado – pôde presenciar este acontecimento fantástico e inesperado, que foi descrito no *Correio da Manhã* da seguinte forma:

> "A assistência ficou tranzida com o que aconteceu a um dos pára-quedistas. Ele havia pulado do avião e vinha se aproximando do solo como um bolido, sem que o pára-quedas abrisse. A súbita impressão que se teve, era a de que o pára-quedas tivesse enguiçado. A uns trezentos metros, porém, abriu



Charles Astor após salto de paraquedas (CDA, 1974)

Charles Astor saltando de paraquedas

as pernas do homem, tão finas como as pernas de um mosquito, balançaram no ar, e a assistência sentiu um alivio. Era Charles Astor. Fizera apenas um número de sensação. Nada de anormal ocorreu com o pára-quedas [...]" (*Correio da Manhã*, 24 out 1941).

Outro episódio verdadeiramente notável do paraquedismo brasileiro ocorreu em 06 de junho de 1943, quando Charles Astor estabeleceu o recorde ao saltar do avião de uma altura de 57,20 m do solo, utilizando um paraquedas de fabricação inteiramente nacional, evidenciando o aprimoramento do Brasil nessa prática.

Sobre essa performance, declarou anos mais tarde que talvez não a repetiria, mas, na ocasião, precisou fazê-la para mostrar o quão seguro era saltar de paraquedas. Foi tudo muito rápido, assim Charles a descreve com impressionante tranqüilidade: "o velame soltou-se no ar como fumaça de charuto e depois abriu-se [...] fui atirado para a esquerda e para a direita como um pêndulo, e caí rolando na grama. Foi só" (CDA, 1974. Grifo Nosso).

Apesar de Charles Astor descrever o acontecimento com tamanha simplicidade, acrescentando um singelo "Foi só" ao final da frase, o fato é que, enquanto a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) se desenrolava na Europa, a arrojada demonstração veio consolidar a ideia de que o paraquedas poderia ser utilizado como uma extraordinária ferramenta em tempo de guerra, possibilitando saltos em baixa altura sobre qualquer objetivo que se pretendesse atacar.

Dos Aeroclubes à Escola de Aeronáutica: o instrutor

A sólida experiência com a ginástica, as acrobacias aéreas e o paraquedismo fizeram de Charles Astor um homem respeitado por seu conhecimento acumulado em anos. Iniciou na função de instrutor de paraquedas no início da década de 30, no Aeroclube de São Paulo.

Em 1932, formou a primeira turma de paraquedistas civis do Brasil. Ao todo, foram 184 alunos agraciados com brevês, dentre eles Ada Rogato, a primeira mulher brevetada paraquedista no Brasil (CDA, 1974). As instruções seguiram com grande entusiasmo e êxito. Tão logo finalizava uma turma, já abria inscrição para novos interessados.

No Rio de Janeiro, Charles Astor idealizou e dirigiu o Departamento de Paraquedismo do Aeroclube do Brasil, sediado no Aeroporto de Manguinhos, onde mais de 100 alunos concluíram o curso. Charles Astor nunca perdeu um aluno, civil ou militar. Segundo Paulo Ronái, no prefácio do livro "Estórias Rudes", de 1965, republicado em 1976 pela Editora Civilização Brasileira, Astor preparou mais de dois mil paraquedistas em trinta anos de instrução civil e militar (ASTOR, 1965).

Esteve à frente de vários cursos dessa modalidade pelo Brasil. O êxito na formação dos alunos paraquedistas podia ser visto nas apresentações abertas ao público e os shows nos ares mereciam destaque da imprensa local.

> "Será levado a efeito amanhã sobre o campo de Gramacho o 2º salto dos alunos pára-quedistas do Aeroclube do Brasil, em cumprimento ao programa elaborado pelo instrutor Charles Astor, para a formação da primeira turma de pára-quedistas civis do Distrito Federal. O salto anterior que foi coroado de pleno êxito realizou-se no domingo passado, havendo o avião DC 3, gentilmente cedido para aquele fim pelo comandante do 1º grupo de transporte soltado os 12 alunos pára-quedistas e o respectivo instrutor de 500 metros de altitude sobre o campo de Gramacho" (*Correio da Manhã*, 14 mai 1949).

O uso do paraquedas como ferramenta de combate se consolidou no decorrer da Segunda Guerra. O equipamento criado na China, em meados do século XIV, como forma de entretenimento, possibilitou ao homem colocar em prática o sonho de *Ícaro*. Porém, atribui-se a Leonardo da Vinci o desenho do primeiro paraquedas, que assim descreveu o projeto: "Se um dia alguém dispuser de uma peça de pano impermeabilizado, tendo os poros bem tapados com massa de amido e que tenha dez braças de lado, pode atirar-se de qualquer altura, sem danos para si".

Com o aprimoramento das técnicas de guerra e a real possibilidade de usá-lo como meio de socorro imediato aos feridos, o paraquedas saiu do mundo das fábulas para entrar em combate, auxiliando, assim, as ações militares.

A Força Aérea Brasileira, recém criada em 1941, atenta ao cenário da guerra, não tardou em formar os cadetes na prática do paraquedismo, que se configurava numa arma de ataque de máxima eficiência. Aproveitando o curso ministrado pelo instrutor Charles Astor no Aeroclube de São Paulo, "a Escola de Aeronáutica enviou um grupo de 10 cadetes, que voluntariamente se ofereceram para receber os ensinamentos práticos e teóricos, embora com sacrifícios de alguns dias em suas férias escolares" (*Correio da Manhã*, 13 jan 1943).

O então Cadete Silvio Constantino de Carvalho, aluno daquela 1ª turma, em artigo publicado pela revista *Esquadrilha,* relembrou a experiência que tivera durante o curso que realizou no Aeroclube de São Paulo com o instrutor Charles Astor. Ressaltou que não pôde empregar as férias em descanso ou passeio, mas isso foi compensado pelo ganho de conhecimento e pela experimentação de sensações novas, grandes e muito agradáveis durante o período.

O ótimo rendimento, em poucos dias de curso, só foi possível graças à fibra e a boa vontade dos cadetes, que não mediram esforços para vencer os obstáculos, aliados ao conhecimento técnico do instrutor. As impressões do Cadete Silvio Constantino de Carvalho, sobre Charles Astor, foram certamente compartilhadas por tantos outros, e assim registrada na referida revista:

> "[...] desde o primeiro contato revelou a sólida competência, inspirando dessa maneira grande confiança a todos e fazendo jus à escolha do Exmo. Sr. Ministro, nomeando-o instrutor de paraquedismo do Ministério da Aero-

Charles Astor checando o equipamento de salto do aluno (CDA, 1974)

náutica, matéria em que é profundo conhecedor. A maneira com que recebeu a turma, o constante interesse durante todo o curso e a incansável abnegação com que se empenhou para que tudo fosse realizado sem acidentes, conquistou de todos nós grande e espontânea simpatia. Pioneiro do paraquedismo no Brasil, muito ficará devendo a ele nossa Pátria e já com essa 1ª turma surge o paraquedismo militar, apresentando imensa gratidão pela valorosa ajuda que ele cede da maneira mais honesta possível [...]" (*Esquadrilha*, 1942, n.8,9, p. 24).

No calor dos acontecimentos, não havia, certamente, tempo hábil para a formação dos paraquedistas, que ocorria normalmente num período de seis a oito semanas. Diante disso, o período de instrução ficou restrito a 15 dias, fator que não comprometeu em nada a formação dos cadetes que, com muita determinação, conseguiram realizar, nesse curto período, trinta saltos de paraquedas, cumprindo, dessa forma, o curso básico de paraquedismo.

O instrutor Charles Astor ressaltou que, apesar das adversidades causadas pelo mau tempo, uma vez que o curso foi realizado no período de dezembro, em que há grande incidência de chuvas, e agravado pelo curto espaço de tempo para formar os cadetes, tudo transcorreu tranquilamente, sem nenhum acidente registrado. A disciplina, a fibra militar e o espírito de corpo contribuíram para o êxito da missão. Costumava dizer que o brasileiro é "um material excelente para o paraquedismo".

Charles Astor e alunos prontos para o salto (CDA, 1974)

Na ocasião, Charles Astor, em entrevista dada a imprensa, declarou-se muito satisfeito com o aproveitamento da turma e mostrou-se surpreso pela facilidade com que os cadetes assimilavam as instruções. Assim, declarou:

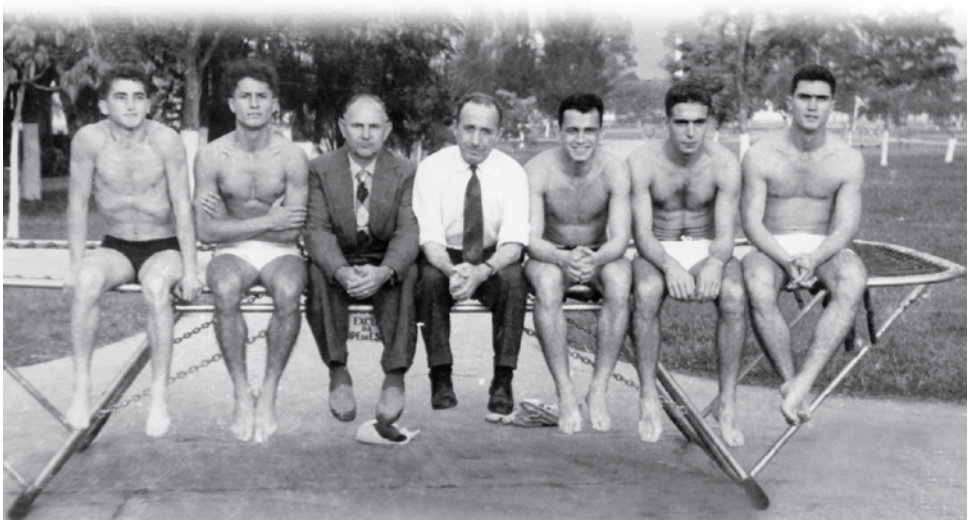
"Estou satisfeito com a turma de cadetes que vem de terminar o curso, e espero continuar a receber novas turmas da Escola para, dentro em breve, formar um contingente de homens, que amanhã saberão utilizar essa nova arma, com eficiência, mostrando assim o alto valor da nossa Aeronáutica [...]" (*Esquadrilha*, 1942, n.8,9, p.23).

A primeira turma brevetada paraquedista na FAB tinha como líder o Cadete Berlinck. Aquela turma foi considerada por Charles, assim como por toda a equipe do Aeroclube de São Paulo, exemplo e modelo de disciplina, arrojo e jovialidade. Infelizmente, no ano de 1943, o Cadete Berlinck, juntamente com o Aspirante Araújo Figueiredo, também aluno da 1ª turma, sofreu um desastre aéreo, vindo a falecer (*Esquadrilha*, 1943, n.14, p.38).

Em carta enviada ao então Ministério da Aeronáutica, Charles Astor lamentou o ocorrido e lembrou, na ocasião, que nas duas semanas em que o Cadete esteve realizando o curso "ele ganhou duas coisas que não damos com muita facilidade: a nossa admiração e o nosso afeto". Ressaltou, ainda, que Berlinck era mais do que um bom cadete, era o "Cadete do Ar" com tudo o que esta palavra representa de valor, bom espírito, abnegação e disciplina.

Em homenagem à memória do Cadete, Charles batizou a terceira turma de paraquedistas do Aeroclube de São Paulo de "Grupo Cadete Berlinck", na qual foram alunos o próprio Berlinck e o Araujo Figueiredo. Ao fazer essa justa homenagem, Charles concluiu que esperava que os demais alunos civis soubessem louvar o nome do seu patrono (*Esquadrilha*, 1943, n.10, p.52).

Como se viu, foi a partir dos cursos ministrados no Aeroclube de São Paulo que Charles Astor estabeleceu os primeiros contatos com os cadetes da Escola de Aeronáutica, a quem sempre elogiava a garra e disciplina. A relação se estreitou ao ser contratado pelo Ministro Salgado Filho para ser instrutor da citada Escola, na época sob o comando do Coronel Aviador Henrique Raymundo Dyott Fontenelle, que, juntamente com o então Tenente Coronel Aviador Darío Cavalcante de Azam-



Charles Astor, ao centro, com cadetes alunos da Cama Elástica no Campo dos Afonsos (CDA, 1974)

buja, foi o grande incentivador do paraquedismo na Aeronáutica (CDA, 1974).

Ao iniciar o curso na Escola de Aeronáutica, Charles pôde enfim perceber que a admiração era recíproca, já que, mesmo não sendo de freqüência obrigatória, os cadetes se inscreveram em massa no curso de paraquedismo.

Segundo as referências do Tenente Aviador Felino Alves de Jesus, aluno da 2ª turma brevetada paraquedista pelas mãos de Charles, ele era realmente um homem "de uma modéstia excessiva, evitando publicidade em torno de seu nome, de um entusiasmo, dinamismo, arrojo e conhecimento técnico, sem dúvida alguma, extraordinários". E concluía que, dentre as inúmeras qualidades do instrutor, surpreendia a capacidade de fazer com que o aluno confiasse em si próprio e no material que utilizava (*Esquadrilha*, 1943, n.14, p.38).

Contemporâneo de Charles Astor na Escola de Aeronáutica, o Coronel Neri Nascimento recorda-se com entusiasmo o método utilizado pelo instrutor para provar aos cadetes que saltar de paraquedas era realmente seguro, sustentado pelo seguinte argumento:

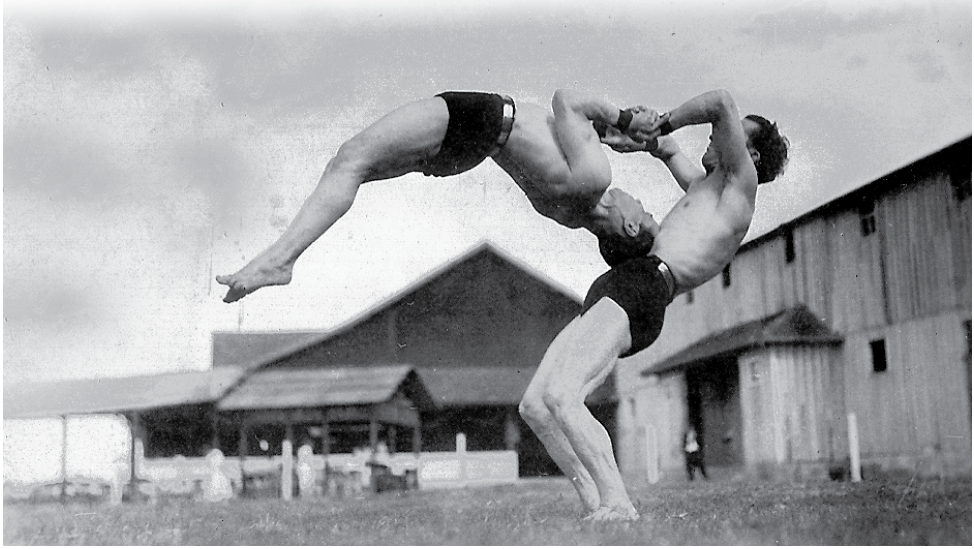
Cadetes em treino na cama elástica (CDA, 1974)

"Sobre o salto de paraquedas, Charles Astor fazia o seguinte: colocava os cadetes em frente ao Cassino dos Oficiais, onde se encontra o Lago do Laché, e saltava de paraquedas, aterrizando ali pertinho. Pegava o paraquedas de qualquer jeito e jogava-o no lago, recolhendo-o em seguida, sem maiores cuidados. Então entrava no avião para saltar novamente, utilizando o mesmo equipamento. Tudo aquilo nos transmitia muita confiança quanto à segurança dos saltos com paraquedas"

A longa experiência em saltos e as virtudes de educador – pois "sabia como palmear o coração de seus alunos, arrancando-lhes as amarras do medo, despertando-lhes a coragem para vencer" (PARA-SAR 40 anos) – foram pontos favoráveis para a parceria entre professor e aluno, que se solidificou e criou raízes desde a Escola de Aeronáutica, ainda no Campo dos Afonsos, passando pela Academia da Força Aérea e se eternizando na Escola Preparatória de Cadetes do Ar (EPCAR).

As instruções de Charles Astor não ficaram restritas ao paraquedismo, pois abarcavam também o ensino da ginástica acrobática, assim como das acrobacias na cama elástica. Destaca-se que Charles foi o introdutor desta atividade no Brasil. Considerava a acrobacia uma arte, algo parecido com o balé que dispensa o uso da força. Afirmava que "a força não conta: a força é uma brutalidade pura e simples, e seu emprego ofende o espírito humano" (CDA, 1974).

Ensinava a técnica para os cadetes que aderiram com grande entusiasmo, participando, inclusive, dos cursos que o instrutor ministrava na Escola Nacional de Educação Física e Desportos, conforme consta no programa da aula inaugural, publicado



Charles Astor em demonstração acrobática em São Paulo (CDA, 1974)

em 27 de abril de 1960 pelo *Correio da Manhã* "demonstração de acrobacias na cama elástica pela equipe de cadetes da Escola de Aeronáutica".

Como instrutor paraquedista, ajudou a formar diversos cadetes e prepará-los para o combate aéreo, proporcionando a garantia da sobrevivência do piloto e dos tripulantes combatentes. O entusiasmo de Charles, "a personalidade carismática e o comportamento arrojado contagiava a todos" (PARA-SAR 40 anos).

Entre a aventura dos ares e a dos livros

Charles foi um homem de muitas habilidades e conseguia conduzir todas ao mesmo tempo. Assim, saltava de paraquedas num dia, pulava na cama elástica e dava aulas de *jiu-jitsu* no outro e, ainda, encontrava fôlego para manter, como atividade diária, o cargo de Chefe da Seção de Livros Raros da Livraria Civilização Brasileira. Apesar de atividades bem diferentes, para Charles não havia incongruência alguma.

Com a mesma facilidade, explicava aos alunos as técnicas do paraquedismo ou então escrevia um conto que poderia versar desde a Legião Estrangeira até as experiências de quem viveu sob uma lona de circo. O livro "Estórias Rudes" exemplifica muito bem as muitas facetas que compõem a figura de Charles.

Fascinado por livros desde menino, tinha sabedoria para escrever sobre inúmeros assuntos: "pode escrever uma monografia sobre papagaios ou fazer uma conferência sobre genética. Tudo isso, ele o fará bem", ressaltou o professor Ary da Matta (*Visão*, 16 set 1960).

Era muito mais que um simples leitor. Pode-se dizer que era um bibliófilo, a tal ponto que chegou a montar uma biblioteca especializada sobre paraquedas. Para aumentar sua biblioteca particular, Charles não media esforços. Relatou em entrevista à revista *Visão* que certa vez, querendo adquirir uma enciclopédia muito cara, passou a ensaiar a noite, depois do expediente na Livraria, para retornar com as apresentações acrobáticas, a fim de arranjar o dinheiro necessário para a referida aquisição (*Visão*, 16 set 1960).

Charles costumava dizer que vivia como um selvagem entre os livros, mas, pelo conjunto da obra que produziu, vê-se que não era bem assim. Uniu as paixões pela leitura e pelo esporte, particularmente pelo paraquedismo, tanto que, para consolidar suas instruções, escreveu e publicou "Técnicas do salto de páraquedas" na Revista do Aeroclube de São Paulo, em 1943, e "Metodologia do Ensino da Ginástica Acrobática", publicada pelo MEC durante o período em que foi contratado pela Universidade do Brasil, para fins de ministrar o curso na Escola Nacional de Educação Física e Desportos (CDA, 1974).

Evidenciando a intimidade com as formas literárias e a larga experiência no mundo dos esportes, Charles Astor, concorrendo com cerca de 400 inscritos, conquistou o 1º lugar no concurso de contos esportivos lançado pelo jornal "O Globo" no ano de 1958. Foi premiado pela

apresentação do conto: "Toto, o maior do mundo" (CDA, 1974).

A intimidade que tinha com o gênero literário foi certamente aprofundada durante as três décadas que trabalhou na Livraria Civilização Brasileira. Durante esse período, acompanhou boa parte da trajetória da Editora Civilização Brasileira, que foi criada oficialmente em 1932, mas tudo indica que a fundação foi em 1929, pois, conforme o catálogo de publicação da Editora, os primeiros livros foram lançados em 1930.

A controvérsia sobre a criação da Editora tem origem na escassez de fontes e nas mudanças de sede ao longo de sua existência, dificultando a reorganização do material e possibilitando perdas significativas do acervo (GALUCIO, 2009, p.119).

É interessante notar que, a partir da biografia de Charles Astor, pode-se corroborar com a tese de que a Editora foi mesmo criada antes de 1932, tendo em vista que Charles pediu aposentadoria em 1960, assim que completou trinta anos de bons serviços à casa. Desta forma, não são necessários cálculos elaborados para concluir que Charles começou a trabalhar na Civilização Brasileira em 1930.

Na ocasião, o diretor da Editora, Ênio Silveira, em entrevista concedida à revista *Visão*, lamentou a perda que a Livraria teria com a saída de Charles, relatando que "a decisão acarretará a extinção da Seção, pois substituir Charles Astor implicaria no recrutamento de uma verdadeira equipe, coisa que tornaria o departamento antieconômico" (*Visão*, 16 set 1960).

Certamente, autores renomados também lamentaram a aposentadoria de Charles, que se mostrou um leitor crítico de diversas obras publicadas, como pode ser observado no prefácio do "Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa", de Aurélio Buarque de Hollanda, e nos agradecimentos de Rubem Braga ao lançar a segunda edição do livro "SAINT-EXUPÉRY, Antoine. Terra dos homens", do qual foi o tradutor:

> "Revendo meu trabalho para a segunda edição brasileira deste livro, devo apresentar agradecimentos a um leitor que fez, em carta, a crítica de minha tradução. Trata-se do Sr. Charles Astor, aviador francês, que vive em nosso país. Acolhi quase todos os reparos de sua crítica autorizada, e muito lhe agradeço as lições que me deu" (CARNEIRO, 2014, p. 226).

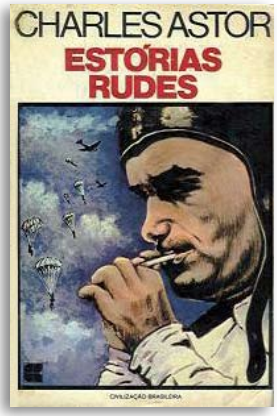
Charles Astor não se resumiu a um simples leitor crítico. Ele foi também "um escritor de verdade, capaz de transformar em arte as vivências mais diversas". Com essas palavras, Paulo Rónai fez a apresentação do livro "Estórias Rudes". Causou surpresa a perícia que demonstrou no gênero literário logo num livro de estréia. Talvez a surpresa não seja tanta ao considerarmos que os contos narrados guardam estreita ligação com as experiências de vida de Charles.

Sabe-se que toda narrativa, seja histórica ou literária, é uma representação acerca da realidade. Sendo assim, é importante contextualizar o autor, texto, período e lugar em que foi produzido. A literatura é constituída a partir do mundo social e cul-

tural, sendo uma leitura da realidade, "registra e interpreta o presente, reconstrói o passado e inventa o futuro por meio de uma narrativa pautada no critério de ser verossímil" (BORGES, p.99, 2010).

O gênero literário guarda aproximações com o gênero histórico, tendo em vista que todo documento é uma construção e pelo fato de apropriar-se das fontes e técnicas da História para criar o "efeito de realidade", porém tem a particularidade de ser "um discurso que informa do real, mas não pretende abonar-se nele" (CHARTIER, 2009, p. 24-28).

Não se faz literatura a partir do nada. As histórias narradas pelo autor podem ter sido concretas e, ao produzir sua representação, ele o faz por meio de sua vivência. Apresentou sete histórias de aventuras, nas quais demonstrou sua experiência na Legião estrangeira, no boxe, no tênis, no circo, dentre outros.



Livro de autoria de Charles Astor, publicado pela Civilização Brasileira

Legião Estrangeira: a história do Cabo Hugo Molnár, ou seria do Charles Juvé?

A Legião Estrangeira foi criada na França em 1831, por decreto do Rei Luis Felipe, para manter militarmente o controle das colônias francesas na África. É conhecida como uma lendária corporação, cujos soldados se alistam em troca de dinheiro. Apesar de ser ligada ao Exército Francês, são aceitos soldados de qualquer nacionalidade. A formação inicial abraçou soldados profissionais, desempregados após as guerras imperiais e revolucionários de toda a Europa.

Muitos desses soldados estrangeiros chegaram fugidos à França e não tinham os documentos necessários para o alistamento. A necessidade de alimentar rapidamente as frentes de batalha e visando facilitar a entrada dos voluntários, que aceitavam as regras impostas pela Legião, fez com que o legislador autorizasse uma simples declaração como identidade. Assim, permitiu que o legionário começasse uma nova vida, dando a ele uma "segunda chance". É desse contexto que vem parte do mito e dos mistérios que cercam a Legião Estrangeira[2] .

Os primeiros legionários desembarcaram na Argélia, em agosto de 1831, tendo grande êxito na conquista do território, onde algumas décadas mais tarde, em 1900, nasceu Achiles Hypolito Garcia, que viria a ser mais um soldado a engrossar as fileiras do exército legionário. Atra-

[2] Para maiores informações consultar o site http://www.legion-etrangere.com/

ído por um grande espírito de aventura, em 1919, alistou-se como soldado de infantaria na Legião Estrangeira, adotando o pseudônimo de Charles Juvé (MATTA, 1958).

No conto da Legião Estrangeira, narrado no livro "Estórias Rudes", Charles contempla a missão do Cabo Hugo Molnár ao Forte Sahel, em Marrocos. A riqueza de detalhes com que descreve as dificuldades de uma incursão nas montanhas, a organização dos pelotões, as expressões militares, os códigos, os ritos e as simbologias só podem ser impressões de alguém que vivenciou intimamente a experiência.

Inicia o conto expondo as fragilidades da Legião. Diferentemente do que muitos pensam, não é nada invencível. Para se alistar, é necessário muito mais do que coragem. O soldado deve ter um excelente preparo para percorrer caminhos árduos, passar dias sem comer, beber água a colherada e estar pronto para renunciar à verdadeira identidade.

Este último quesito foi um ponto favorável que, provavelmente, impulsionou o Cabo Mólnar, protagonista do conto, a se alistar na Legião, tendo em vista que havia sido condenado por contrabando na Hungria e, naquela altura, ter uma nova identidade, não seria nada mal. Nos primórdios da Legião, o legionário, para ter seu crime perdoado, precisaria servir por cinco anos. No conto, observa-se que faltava apenas dois meses para Mólnar finalizar tal saga.

Porém, Charles narra que o Cabo Mólnar tinha o desejo de fazer carreira na Legião e pedir a naturalização francesa, pois a vida militar muito lhe agradava. Mas, as decepções com o "Código da Legião" lhe ceifaram tal vontade. Até que, durante a missão do Forte Sahuel, que Charles narra de forma instigante, fazendo com que nossos olhos não desviem de uma só palavra, o Cabo Mólnar destacou-se entre a tropa, tendo sido promovido por bravura a Sargento. Relutou em aceitar a promoção, pois estava decidido a cumprir apenas os cinco anos obrigatórios para o cumprimento da missão.

No entanto, o espírito guerreiro e o sentimento de dever cumprido, somados às amizades conquistadas de companheiros de diversas nacionalidades, dentre os quais, um brasileiro chamado Queiroz que, "com um baralho nas mãos, podia fazer milagres", fizeram com que Mólnar, ao fim da missão, desejasse reengajar na Legião, então com a graduação de Sargento.

São muitos os paralelos que podem ser traçados entre o conto do Cabo Molnár e a vida do legionário Charles Astor, que, com apenas seis meses de serviço, fez um curso de metralhador e foi promovido a Cabo. Em 1920, foi enviado para o Centro Regional de Educação Física – CRIP, em Argel, tornando-se Instrutor de Educação Física e sendo promovido a Sargento, "o mais jovem da Legião" (CDA, 1974). Na época, o Sargento Charles Juvé teve contato com a aviação, realizou os primeiros voos e conheceu os segredos da acrobacia aérea.

Como instrutor de Educação Física, lecionou em escolas públicas de Argel e ensinou *jiu-jítsu* no Clube Militar. Em

Charles Astor praticando jiu-jitsu

1922, fundou, com amigos, o *Rubgy* Club de Argel, sendo campeão norte-africano em 1924. Após cursar a Escola Normal de Educação Física, em Joinvile-Le-Pont, tomou gosto pela acrobacia e, ao final do seu tempo de serviço na Legião, em 1926, recusou a patente de 2º Tenente oferecida por seu Comandante, o lendário Coronel Rollet.

Nesse caso, a vida não imitou a arte, ou seja, se o Cabo Molnár voltou atrás e decidiu continuar na Legião, o mesmo não aconteceu com Charles Astor. O desejo de ganhar o mundo parece ter falado mais alto, fazendo-o recusar o oficialato. Não se pode afirmar os reais motivos que fizeram com que não desejasse continuar, mas, analisando a matéria do jornal *A Noite,* de 1961, consta a informação de que Charles teria se alistado na Legião para viajar e praticar esportes.

Sabe-se que são muitos os motivos que levam os jovens, ainda hoje, ao alistamento na Legião Estrangeira, dentre outros, a oportunidade de imigração para a França, a mudança de vida, os bons salários e, até mesmo, deixar para trás um passado sombrio. Mas, para Charles, os motivos foram outros. A Legião ficou pequena para os voos mais altos que almejava. Um ano depois de ter dado baixa, formou o duo acrobático "Deux Astors", com Martinez, um campeão de ginástica norte-africano, apresentando-se em circos e clube na França.

A dupla teve carreira curta, devido à convocação de Martinez para o serviço militar. Charles, agora conhecido como

"Astor", formou nova dupla artística com Antonio Pisápia, com o qual fez contato em Marselha. A dupla correu o mundo. Apresentaram-se em Monte Carlo, na França, e também nos EUA. Fizeram, inclusive, uma apresentação para o rei Gustavo da Suécia. Em 1927, vieram para a América do Sul, apresentando-se por quatro meses no Cassino de Buenos Aires (CDA, 1974).

Billy, o "Pára-quedista de provas"

No conto "Pára-quedista de provas", Charles narra a história de Willian Thompsom, conhecido pelo apelido de Billy, que realizava saltos experimentais para o *Parachute Experimental Station*. A riqueza de detalhes mostra a aproximação do autor com o conto narrado.

Em certos trechos da narrativa, a semelhança é tanta que parece estar fazendo uma autobiografia "calma e habilidade não faltava ao jovem Billy. Com 25 anos, tinha passado quase metade de sua vida praticando vários esportes [...]". Tal descrição se encaixa no perfil do jovem Charles que, desde a adolescência, foi ligado aos esportes: dos 14 aos 18 anos praticou atletismo, boxe e r*ugby*, sendo o "capitão" do primeiro time da *Section Atletique* de Limoges, em 1917 e 1918 (CDA, 1974).

O que dizer então do trecho em que narra os momentos de descontração de Billy! Sempre na companhia do amigo Fred, saíam aos finais de semana com algumas amigas para conversar. Billy se enamorou por uma moça que sonhava ser enfermeira paraquedista e fazia toda sorte de perguntas técnicas sobre os saltos de paraquedas, aborrecendo os amigos que, no momento de lazer, a última coisa que desejavam era falar de trabalho.

Oficialmente, Charles Astor não foi casado, porém a devoção pela aviação de uma jornalista mineira, fez com que ela o acompanhasse em eventos, participando ativamente de proezas aeronáuticas que, atualmente, poderiam ser consideradas como verdadeiras aventuras. Elgita Leite Ribeiro, nascida em Januária, chegou ao Rio de Janeiro em 1940, tendo trabalhado no jornal *Diário da Noite* e sido representante desse jornal no Gabinete do Ministro da Aeronáutica.

Os laços da aviação uniam Charles Astor e Elgita Leite Ribeiro

Elgita Leite Ribeiro foi piloto brevetada pelo Aeroclube do Brasil em 1946, tendo participado de muitos eventos da aviação, sendo inclusive a vencedora da prova aérea "Cruzeiro do Sul", realizada durante a "Semana da Asa", em outubro de 1946. A prova consistiu em um "circuito aéreo entre os campos de Manguinhos, Xerém e Nova Iguaçu, com contagem de pontos pelos índices técnicos das decolagens e aterrissagens, aproximação e segurança de manobras no solo" (*Correio da Manhã*, 23 out 1946).

Em 1948, na mesma prova da "Semana da Asa", conquistou o 2º lugar. Elgita colecionou vitórias no campo aeronáutico. Realizou um grande feito para a mulher brasileira quando, em janeiro de 1954,

tornou-se a primeira aviadora brasileira a voar em avião de caça a jato da Força Aérea Brasileira, o TF-7.

Empreendeu um voo de 31 minutos sobre a cidade, demonstrando, assim, o seu arrojo em façanhas aéreas. A aeronave estava a comando do Major Aviador Rui Moreira Lima, Comandante do 1º Grupo de Aviação de Caça. Na ocasião, Elgita teve a oportunidade de assumir a pilotagem.

Elgita Leite Ribeiro

"Elgita teve ocasião de ter, por alguns instantes, o comando do aparelho, sendo que este [Major Aviador Rui Moreira Lima] executou várias manobras e missões que normalmente lhe são afetas. Durante essas manobras e missões, a aviadora se mostrou atenta a todos os movimentos do Major Moreira Lima, revelando o seu interesse pela possante aeronave e revelando excepcional sangue frio durante as acrobacias que foram realizadas a vinte e três mil pés de altura e a novecentos quilômetros horários. Ao descer o avião, o piloto do aparelho e os demais oficiais que se encontravam na Base Aérea de Santa Cruz cumprimentaram a aviadora, que é, também, jornalista, pelo seu extraordinário feito. Elgita, que se mostrava muito satisfeita com a sua nova proeza aérea, declarou à reportagem: O meu entusiasmo foi quando o Major Rui me entregou a direção do aparelho" (*A Noite*. 30 jan 1954).

Mas, certamente, a maior vitória de Elgita foi ter empreendido um voo supersônico, tornando-se a 1ª mulher sul-americana e a 4ª no mundo a vencer a barreira do som. A proeza foi conseguida no dia 18 de junho de 1959, após algumas tentativas, nas proximidades de Paris, no Centro de Ensaios em voo da Base Aérea Militar de Bretigny-sur-orge, acompanhada pelo piloto Henri Suisse, no avião "Mystere IV-N" (Dassault) com velocidade de 1.250 Km por hora, numa altitude de mais de 13.000 metros e com duração de 40 minutos.

Em 25 de junho de 1959, o *Correio da Manhã* noticiou o acontecimento e a

entrevista concedida pela aviadora, relatando que não sentiu nenhuma sensação ao atingir a marca do som, ratificada por meio dos registros nos aparelhos de bordo. Pela proeza, Elgita recebeu a insígnia Gros Mach (condecoração que só é concedida a pessoas que venceram a muralha do som) das mãos de Serge Dassault, com a presença de vários pilotos de provas. Consagrou-se como a "Primeira sul-americana e quarta mulher do mundo a vencer a barreira do som" (*Correio da Manhã*, 25 jun 1959).

No final da década de 50, foi aluna de Charles Astor no curso de paraquedismo e, provavelmente nessa época, iniciou uma relação de amizade com o mesmo, quando, no auge dos seus vinte e poucos anos, chamava atenção por sua beleza, tal como relataram os amigos do jornal *Diário da Noite* ao noticiarem o salto de uma equipe de paraquedistas realizado em outubro de 1959, que contou com a presença de cinco jovens mulheres "encantadoras brotinhos, entre elas, a nossa colega Elgita Leite Ribeiro, a mascote da turma" (*Diário da Noite*, 23 out 1959).

Não há referências sobre Elgita nos textos acerca de Charles. No entanto, o professor Sebastião de Oliveira Baumgarth, amigo íntimo do mesmo, revelou em entrevista que a senhora Elgita havia requerido na justiça a transferência dos restos mortais de Charles, sepultado em Barbacena com honras militares, apesar de ser civil, para o ossuário da Catedral Metropolitana no Rio de Janeiro.

Tal solicitação foi feita para que ficasse ao lado do nicho que a mesma havia comprado para repousar na eternidade. O pedido oficial requerido por Elgita foi atendido pelos militares da Escola Preparatória de Cadetes do Ar (EPCAR), ainda que com muita tristeza.

Charles Astor: um filho querido da família FAB

Em meados de 1962, quando sofreu um acidente vascular cerebral, Charles Astor encontrava-se muito debilitado, com perda parcial de memória e num estado depressivo, internado no "Recreio dos Anciãos", localizado no bairro da Tijuca, no Rio de Janeiro.

O amigo "Tião Baumgarth", condoído com a situação de solidão e depressão em que se encontrava Charles, tomou a iniciativa de levá-lo para a EPCAR, onde pôde voltar ao convívio dos amigos e dos cadetes, recuperando-se tão rapidamente a ponto de retomar as instruções de cama elástica com os alunos.

A plena e rápida recuperação de Charles pode ser constatada pela notícia divulgada pelo *Correio da Manhã* de 27 de maio de 1964: "Charles Astor, introdutor da cama elástica do Brasil, fará uma demonstração especial no próximo domingo, na sede do novo Pedra Negra Campo Clube. Cadetes da equipe especializada da Escola de Aeronáutica tomarão parte na exibição".

Em agosto de 1966, Charles se envolveu em missão operacional no Mato Grosso – a operação Caiabi – que tinha como objetivo resgatar índios Caiabis da

região do Rio Teles Pires para o Parque Nacional do Xingu. Segundo documentos administrativos[3], Charles passou lá um mês, provavelmente com a equipe PARA-SAR escalada para a missão.

As habilidades intelectuais também estavam em plena atividade. Em 1963, escreveu para a revista "Comentários" que, referente aos meses de janeiro, fevereiro e março daquele ano, contou com os textos dos seguintes colaboradores: "Carlos Drummond de Andrade (Poemas), Gilda de Mello e Souza (artigo sobre a romancista Clarice Lispector), Theophilo de Andrade e Newton Carlos (a aliança para o progresso face a realidade brasileira), Charles Astor (interpretação de William Faulkner), Paulo Rónai (registro literário)" (*Correio da Manhã*, 15 fev 1963).

Em 1967, mais uma vez unindo a paixão pela literatura e o esporte, contribuiu para o terceiro volume da série "Gol": "uma seleção de contos e narrativas de sentido pitoresco ou dramático, organizados mediante meticulosa colheita em obras hoje clássicas como também em livros de autores modernos, como Origenes Lessa, João Antonio, Homero Homem, Edilberto Coutinho, Vasconcelos Maia, Silvio de Castro, Marques Rebelo, Charles Astor e vários outros" (*Correio da Manhã*, 09 dez 1967).

Assim, Charles seguiu sendo produtivo, ministrando instruções de cama elástica e ginástica acrobática até o seu falecimento, em 17 de agosto de 1972 (CDA, 1974).

Rememoração e sepultamento

A força vinculativa dos locais memorativos repousa sobre uma narrativa resgatada e levada adiante. A memória do morto, quando atrelada a um local, faz deste um lugar sagrado, instaurado pela presença do morto. Este é o caso das sepulturas que trazem em sua lápide a fixidez da inscrição "aqui jaz", fazendo dali o lugar de descanso, da mesma forma que vem auxiliar no processo de rememoração.

Como pensar na prática rememorativa, se, na sepultura, não há mais a presença do morto? Esse é o caso de Charles Astor, que foi sepultado no Cemitério da Nossa Senhora da Boa Morte, em Barbacena, e, sete anos mais tarde, teve os restos mortais transferidos para o ossuário da Catedral Metropolitana do Rio de Janeiro.

O local, chamado de Portal da Saudade, tem como missão acolher os restos mortais dos fiéis com tranquilidade e segurança, possuindo cerca de 25.000 ossuários, dispostos ao redor de um altar onde, toda segunda-feira, é realizada uma missa em intenção das almas.

Os nichos de Charles Astor e de Elgita, falecida em 1992, estão lado a lado. Elgita, desde 1977, já havia providenciado

[3] Existe uma compilação de documentos da vida militar e administrativa de Charles Astor disponível no Centro de Documentação da Aeronáutica (CENDOC).

Nichos de Charles Astor e Elgita Leite Ribeiro

o local de seu repouso e do companheiro. Os nichos estão localizados em área considerada nobre, já que é a segunda ala mais cara do ossuário[4].

A prática do sepultamento e todo ritual que a sociedade contemporânea devota ao morto está intimamente relacionada à questão da memória coletiva, tendo em vista que somente pela coletividade se torna possível manter viva a memória de uma pessoa falecida, caso contrário, a morte representaria seu esquecimento absoluto.

As representações que se fazem no momento da perda funcionam como suporte para os familiares e amigos enfrentarem o momento traumático. Além disso, funcionam também como uma maneira de preencher o vazio deixado e, ainda, de forma mais dramática, como uma arma para lutar contra a assustadora ameaça do esquecimento.

> "a categoria fundadora da imagem não é a necessidade de figurar ou de imitar algo que existe, mas sim, a necessidade de prolongar o contato, a proximidade, o desejo de que o vínculo persista. Inclusive e fundamentalmente quando o adeus é definitivo" (SOARES, 2007, p.19).

Sabe-se que um local só conserva as lembranças quando há uma vontade coletiva de mantê-las vivas. Portanto, independentemente do local onde estejam os restos mortais, nada pode interferir na perpetuação da memória quando há esse desejo de lembrança. Destarte, o episódio da transferência de "Charles" não diminuiu o desejo de homenagear a respectiva memória ainda, e para sempre, viva no seio da Força Aérea Brasileira.

A família FAB, em diversas oportunidades, prestou honrosas homenagens, como esta que se faz aqui, a esse filho acolhido calorosamente pelo País que escolheu como Pátria, e que tanto contribuiu para o progresso acerca da prática do paraquedismo.

[4] Informação concedida pelo chefe do Escritório do Ossuário da Catedral Metropolitana do RJ.

As justas homenagens feitas a Charles Astor

Charles Astor

Charles Astor teve o seu trabalho reconhecido ainda em vida:

• Em 1950, recebeu do Ministério da Aeronáutica a Medalha Militar do Atlântico Sul;

• Em 4 de abril de 1951, recebeu o diploma de Paraquedista Militar pelo Ministério do Exército, o único concedido a um civil;

• Em 1956, recebeu a Medalha Comemorativa Santos Dumont;

• Em 1958, a Medalha do Mérito Santos Dumont;

• Em 26 de fevereiro de 1958, foi condecorado, pelo então Coronel Penha Brasil, com a Medalha do Pacificador, por ter prestado imensa colaboração na instrução e orientação das atividades aéreas, junto à tropa aeroterrestre do Exército;

• Em 1959, foi agraciado com o diploma de Honra ao Mérito do Ministério da Educação e Cultura, pela participação no III Estágio Internacional de Educação Física;

• Em 1968 recebeu das mãos do Ministro do Trabalho Jarbas Passarinho, a Medalha de Ordem do Mérito do Trabalho;

• Em 1969, no Campo dos Afonsos - RJ, onde por muitos anos foi instrutor da Escola de Aeronáutica, Charles Astor recebeu a Ordem do Mérito Aeronáutico, Grau Comendador; e

• Em 1970, o Ministério do Exército concedeu uma placa ao pioneiro do paraquedismo no Brasil.

Charles Astor recebe a Medalha do Mérito Aeronáutico (CDA, 1974)

Charles Astor faleceu em 17 de agosto de 1972, em Barbacena-MG, recebendo da Força Aérea Brasileira honras fúnebres militares, em reconhecimento de seus 30 anos de serviços prestados ao Brasil (CDA, 1974).

Homenagem aos 40 anos de morte de Charles Astor – Barbacena (CDA, 2012)

Paraquedista em salto (CDA, 1974)

O moderno ginásio da EPCAR recebeu o nome de Charles Astor, como a última homenagem feita pelos alunos, a quem o instrutor considerava como verdadeiros amigos. Eis abaixo a oração que a "velha águia", como ficou conhecido, distribuía aos jovens amigos:

"Ser jovem. A juventude não é um período da vida, é um estado d'alma, um produto da vontade, uma qualidade da imaginação, uma vitória da coragem sobre a timidez, do gosto pela aventura sobre o amor ao conforto. Ninguém se torna velho por haver transposto um certo número de anos. Tornamo-nos velhos pela deserção dos nossos ideais. Os anos enrugam a pele, a renúncia aos ideais enruga a alma. As preocupações, as dúvidas, os temores e os desesperos são os inimigos que, lentamente, fazem-nos pender para a terra, transformando-nos em poeira antes da morte. Jovem é aquele que se espanta e se admira, o que pergunta como a criança insaciável: E depois? É aquele que desafia os acontecimentos e encontra alegria no jogo da vida. Vós sois tão jovens quanto a vossa fé, tão velhos quanto a vossa dúvida; tão jovens quanto a vossa confiança própria e quanto a vossa esperança, tão velhos quanto o vosso desânimo. Permanecereis jovens enquanto fordes receptivos às mensagens da natureza, do homem e do infinito. Se um dia o vosso coração for mordido pelo pessimismo e pelo cinismo, tenha Deus piedade de vossa pobre alma de velho".

A 2º Ten QOCon His Bruna Melo dos Santos pertence ao efetivo deste Instituto e integra a equipe do SISCULT.

Referências Bibliográficas

ASTOR, Charles. *Estórias Rudes*. Rio de Janeiro: BUP, 1965.

BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: Algumas Considerações. *Revista de Teoria da História*, Universidade Federal de Goias. Ano 1, nº 3, jun 2010. http://www.historia.ufg.br/up/114/o/ARTIGO__BORGES.pdf Acessado em: 09/12/2015.

CARNEIRO, Teresa Dias. "Contribuições para uma teoria do paratexto do livro traduzido: caso das traduções de obras literárias francesas no Brasil a partir de meados do século XX". Rio de Janeiro, tese de doutorado em Letras da Pontifícia Universidade Católica, 2014.

CDA. "Charles Astor: Dados Biográficos". Comissão de Desportos da Aeronáutica, 1974. (mimeografado)

CHARTIER, Roger. *A história cultural*: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

ESQUADRILHA (revista). Escola de Aeronáutica. Órgão Oficial do Corpo de Cadetes da Aeronáutica. Nºs: 2, 8, 9, 10, 11,14 e 35.

GALÚCIO, Andréa Lemos Xavier. "Civilização Brasileira e Brasiliense: trajetórias editoriais, empresários e militância política". Niterói, tese de doutorado em História, Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal Fluminense, 2009.

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. *A Noite*. Disponível em: http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx. Acessado em: 11/12/2014.

_____. *Correio da Manhã*. Disponível em: http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx. Acessado em: 11/12/2014.

_____. *Correio Paulistano*. Disponível em: http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx. Acessado em: 11/12/2014.

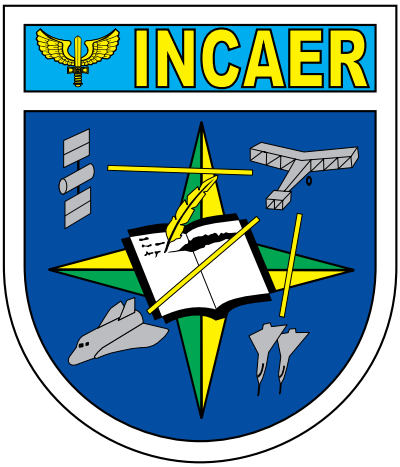
_____. *Diário da Noite*. Disponível em: http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx. Acessado em: 11/12/2014.

MATTA, Ary da. "O autor de Totó". In: O Globo, Rio de Janeiro, 16 mai.1958.

MENDONÇA, Tiago Starling de. "Escola de Aeronáutica e o Campo dos Afonsos (1941-1973): apontamentos para uma investigação historiográfica". In: Campo dos Afonso: 100 anos de história da aviação brasileira / Universidade da Força Aérea; Centro de memória do ensino. Rio de Janeiro: Universidade da Força Aérea, 2012.

PARA-SAR (revista), 40 anos salvando vidas, 2004.

PENTEADO, João Ricardo. *Voar: Histórias da Aviação e do Pára-quedismo civil brasileiro*. São Paulo: SENAC, 2001.



Conectando o passado, o presente e o futuro da cultura aeronáutica

INCAER - Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica
Conectando o passado, o presente e o futuro da cultura aeronáutica
www.incaer.aer.mil.br